

NÚMERO AVULSO 50 CENTAVOS Publicidade a preços convencionais Editor — Eduardo Lopes Tiragem: 10.000 exemplares	DIRECTOR HENRIQUE GALVÃO CORPO REDACTORIAL J. MIMOSO MOREIRA MÁRIO DE FIGUEIREDO	Redacção e Administração: PALÁCIO DAS COLÓNIAS (Palácio de Cristal) (TELEFONE 6580) Composto e impresso na «Imprensa Portuguesa», Rua Formosa — Pórtu
---	---	--



ULTRAMAR

ÓRGÃO OFICIAL DA EXPOSIÇÃO COLONIAL

NA última reunião da Comissão Organizadora da Exposição foi focada a conveniência de montar imediatamente um pequeno museu colonial permanente, no Palácio de Cristal, aproveitando alguns dos mostruários que serviram na Exposição, para manter a continuidade desta e, com outros elementos, se prosseguir numa propaganda objectiva e prática.

Realmente seria de lastimar que após uma celebração tão bem sucedida sobre vários aspectos, como foi a I Exposição Colonial Portuguesa, esta passasse à história como o melhor S. João do Palácio de Cristal e dela não ficasse mais do que recordações.

No Pórtu foram reunidos pela primeira vez documentários de acentuado valor didáctico instrutivo, superiores uns aos que tem sido exibidos nos certames internacionais e outros, absolutamente inéditos. As colónias enviaram alguns mostruários, feitos expressamente para este certame, que não puderam ter o relevo merecido, alguns havendo que não chegaram a ser expostos por terem sido recebidos tardiamente e para a sua apresentação já se não dispôs de espaço.

Embora um museu, mesmo de modestas proporções, seja moldado em aspectos diferentes duma exposição efémera, presta-se um bom serviço ao Pórtu e às populações do Norte do País, coleccionando uns tantos documentários de carácter agrícola, industrial e etnográfico, de acentuada utilidade para os alunos dos liceus e escolas, servindo ao mesmo tempo de ensinamento ao público em geral.

Está o município portuense na disposição, ao que fez divulgar em nota publicada na imprensa, de destinar o Palácio de Cristal e seus jardins, em especial e sem prejuízo do seu aproveitamento para festas populares, à juventude cidadã. O aproveitamento duma das alas do Palácio numa instalação desta natureza, está, portanto, naturalmente indicado.

A cidade de Lisboa possui hoje dois museus de carácter colonial: o Museu Agrícola Colonial e o museu etnográfico da Sociedade de Geografia.

Está o primeiro instalado em Belém, num edifício pertencente ao Jardim Colonial, em que foi aproveitado o parque do Palácio de Belém, hoje museu dos antigos coches e viaturas reais. Compõe-se de várias salas onde se exibem colecções agrícolas e florestais de todas as colónias portuguesas, servindo de aula prática para a especialização dos alunos do Instituto Superior de Agronomia. Tem carácter oficial e é dependente do Ministério das Colónias.

O outro museu — o da Sociedade de Geografia — é dos mais importantes da Europa e representa o trabalho de muitas direcções desta prestante colectividade lisboense há mais de cinquenta anos. Nas suas vastas salas, uma das quais, a chamada de «Portugal», tem dimensões semelhantes à nave central do Palácio de Cristal, reúne uma copiosa e rica demonstração etnográfica do ultramar português. Centenas de sócios doaram e veem oferecendo à sua Sociedade trofeus, curiosidades, colecções, documentários e estudos. Possui uma esplêndida biblioteca, que durante muitos anos foi a única onde se poderiam encontrar publicações e jornais coloniais. Dispõe de salas para conferências e comunicações científicas, orgulhando-se os sócios da colectividade de nos seus salões se terem realizado actos de maior consagração nacional e até de retumbância internacional, como recepções, conferências, comemorações e festivais solenes.

Ante-relatório do I Certame Colonial

Por HENRIQUE GALVÃO

A I Exposição Colonial Portuguesa, que durante três meses e meio pôde reunir adentro do seu recinto mais de um milhão de pessoas, que vieram de todos os pontos do país, não vale, evidentemente, nem pelo esforço que a sua organização e montagem custaram, nem pelas obras que se fizeram, nem pelo cenário magnífico de que dispôs.

Estas coisas, que são o resultado de uma organização material, são sempre possíveis, e de prever realizáveis, quando os elementos não faltam e uma vontade as mobiliza. Poderiam ser aplicáveis, com o mesmo êxito de pontualidade, de administração e estética, a uma obra má ou a uma realização de objectivos banais.

A I Exposição Colonial Portuguesa valerá apenas pela projecção que tiver nas almas portuguesas, pela extensão que alcançarem os seus objectivos de propaganda, de ensinamento acérrica das coisas coloniais, de formação em Portugal de um grande sentido da nossa grandeza de povo imperial.

A Exposição em si, na sua forma, na sua cõr, no seu cenário, tem um interesse secundário. Uma vez demolida será como a fogueira viva e deslumbrante que se apaga — deixando cinzas. Se se conservasse, brigando contra o tempo, contra o seu tempo, seria velha e banal dentro de pouco meses.

Só os seus resultados — aqueles que se previram dentro da Política que impôs a realização da Exposição — e, porventura outros que tenham excedido as previsões e que a Nação receberá com justo e natural júbilo, são de contar e marcam, realmente, o valor, a importância e a grandeza da I Exposição Colonial Portuguesa.

É naturalmente cedo para se formar uma ideia segura sobre esses resultados — mas, sobre os acontecimentos decorridos, alguns dos quais são expressões nitidas de resultados — é possível prever, calcular, limites razoáveis da projecção que a Exposição vai ter na alma deste povo e também, um pouco, na opinião internacional a nosso respeito.

Vieram à Exposição mais de um milhão de portugueses. Muitos — possivelmente a maioria — vieram em ar de festa, com o mesmo espírito alegre e descurado com que vão ao arraial e ao teatro, aos touros e ao foot-ball. Diziam alguns: vamos ver os pretos.

Depois agradava-lhes o cenário, a cõr que certos dias de sol emprestavam às coisas, o rumor alegre do Luna-Parque, a mancha garrida das multidões. Mas, de passagem, percorriam as naves oficiais, paravam defronte dos planisférios e dos diuramas, liam ou ouviam ler certas frases, surpreendiam-se perante certos gráficos, rendiam-se francamente diante de algumas maquetas. E o «processo» espiritual ia-se desenvolvendo.

Aqueles que tinham vindo em ar de festa, só para ver os pretos e retoçar no Luna-Parque, tinham visto mais alguma coisa, tinham-se comovido, tinham sentido um orgulho íntimo e sadio, cujas expressões eram claras, agradáveis e, por vezes, deliciosas no seu pitoresco.

Na alma de todos esses ficava um resultado alcançado e encontrava a Exposição a sua mais bela justificação. E esses eram, à saída, a maioria.

COMEMORANDO cincoentenário da criação do Estado independente do Congo, hoje colónia belga, a Bélgica promove para o próximo ano de 1935 uma grande exposição «universal e internacional» na sua capital, para a qual convidou a participar vários países europeus e sul americanos.

Há cerca de quatro anos que foram iniciados os preparativos e trabalhos de adaptação duma área de 116 hectares no sítio de Osseghem, perto do parque real de Laeken. Esta área apreciável de terreno compreende um plateau e um bosque anexo com desasste hectares, dos quais os técnicos estão procurando tirar efeitos.

A chamada «urbanização» do terreno determinou o lançamento de ruas principais e subsidiárias, construção de rédes de esgotos, condutas de água, gás e electricidade. Foram construídos 8.000 metros de pavimento e revestimentos, sendo superior a um milhão de metros cúbicos o movimento de terras. Tiveram que ser construídas duas pontes. A distribuição de águas obrigou a construir uma rede com 29.000 metros de extensão, com canos de vários diâmetros. Para assegurar a distribuição da luz e energia eléctrica — 12.000 Kw. — foram construídas seis sub-estações, que transformarão a corrente a 220 volts.

Um trabalho engenhoso de arboricultura e jardinagem está sendo posto em prática, bordando com árvores as avenidas de acesso e cobrindo com maciços decorativos as áreas que careçam de vegetação, no sentido de dar uma unidade a todo o recinto.

No plano de urbanização ornamental estão incluídos canais, quedas de água e numerosas fontes, a que os técnicos electricistas darão realce com os seus jogos de luz. Serão reconstituídas — promete-se — as lécricas de Barcelona e Versailles.

As edificações principais estão já em construção. Compreendem o edifício dos serviços administrativos, que tem anexos: salões para cinema, conferências e congressos; um grande palácio para uma exposição de arte antiga — cinco séculos de arte regional e secções estrangeiras para os países participantes, com uma sala de festas dispondo de três mil lugares e onde se celebrarão, com ambiente preparado, as cerimónias oficiais; e grandes «halls» destinados a acomodar as representações nacionais e estrangeiras que não disponham de pavilhões privados.

Estes edifícios são de construção definitiva e no destinado à exposição de arte antiga foram empregados materiais incombustíveis. Está completamente isolado e foram assegurados os riscos contra incêndio, roubo e segurança das preciosidades a exhibir.

Um grande estádio para desportos está construído, comportando 75.000 espectadores. A superfície coberta aloja 7.500 pessoas sentadas. Outros pormenores, de uso em certames desta grandeza, foram previstos: parque de atracções com uma selecção de montagens inéditas; e uma reconstituição da velha Bruxelas do século dezóito, com a reprodução de monumentos, casas e estabelecimentos dessa época, cingida numa muralha com as suas portas e torres, incluindo fortificações alusivas.

O plano de acesso está sendo igualmente executado, sendo previstas carreiras numerosas e fáceis de veículos automóveis, ramais ferroviários e carros eléctricos, que têm uma «gara» mesmo dentro do recinto.

A exposição compreende os seguintes grupos: ciências e artes; produtos do solo e sub-solo; indústrias de transformação; pro-

(Continua na 2.ª página)

(Continua na 2.ª página)

(Continua na 2.ª página)

Ecos do Cortejo Colonial

A representação da lavoura

Embora sejam decorridas algumas semanas após a realização e desfile nas ruas do Pôrto do cortejo colonial, a que já fizemos alusão e maravilhou quantos o observaram, há ainda uma referência especial a fazer à brilhante colaboração da Associação de Agricultura Portuguesa e Liga Agrária do Norte.

Todos os que presenciaram o cortejo se lembram da interessante e bem organizada representação da lavoura. Os ranchos e grupos regionais constituíram uma nota de flagrantíssimo folclore nacional, cheia de cor e pitoresco, que só por si dariam uma curiosa parada.

Reüniram-se motivos e representantes das províncias do Minho, Trás-os-Montes, região demarcada do Douro, Beira Alta e Beira Baixa, Ribatejo, Alentejo, Extremadura e Algarve, que equilibraram a demonstração etnográfica do ultramar.

Para o conseguir, trabalho dedicado durante algumas semanas e por período superior a um mês a comissão delegada da Liga Agrária do Norte composta pelos Drs. Manuel Figueiredo, Luis Gama e António Cabral Campelo, com o sr. dr. José Penha Garcia, director da Associação Central da Agricultura, que se deslocou para o Pôrto para uma acção em conjunto.

Só quem acompanhou de perto o trabalho dispôs-se através dos Ministérios do Interior e da Agricultura, dos governadores civis, das câmaras municipais, dos sindicatos agrícolas avalia o que necessário se torna para a mobilização dos ranchos e grupos, cuja composição compreendeu algumas centenas de figurantes, a um tempo. Dirigiram também estes prestantes colaboradores da direcção da Exposição a composição dos carros, organizados em escassos dias, com detalhes que emprestaram a essa parte do cortejo um alto significado.

Oferesce-se oportunidade também para nova referência a um colaborador, dos mais dedicados aos empreendimentos desta natureza, e que o ULTRAMAR mais duma vez salientou: o sr. conde de Vilas Boas, o incansável organizador da parada agrícola de julho e que, na composição regional do acto final da Exposição voltou a prestar o seu concurso.

É possível que no País voltem a repetir-se estas demonstrações do alto poder nacionalista. Mas ao Pôrto ficará o orgulho de ter sido a cidade onde elas se promoveram, pois pela primeira vez se fez desfilar em terra portuguesa um cortejo compreendendo representações de quasi todas as províncias do continente e do ultramar.

(Continuação da 1.ª página 4.ª coluna)

dução e utilização de energia; engenharia civil; meios de transporte; edificios publicos e habitação; vestuário e acessórios; economia geral; actualidade das nações; turismo, desportos e jogos; arte antiga.

As comunicações em geral vai ser dado um relevo especial. A Bélgica não comemorou o centenário da utilização do caminho de ferro no seu território, que passou em 1933. Reservando-o facto para a sua exposição universal, vai dar relevo a esse acontecimento, salientando-o que durante cem anos no território se fez em matéria de comunicações, dêsse e doutro género. A electricidade e a rádio vão ter semelhante celebração.

A parte colonial, sem prejuizo da generalidade da exposição, está absorvendo, todavia, o conjunto de atenções da comissão executiva. Foi escolhido um dos melhores locais para o pavilhão do Congo e procura-se a oportunidade para alimentar o fogo sagrado dos esforços gerais da nação pelo território ultramarino, cuja economia anda tocada de alguns insucessos e prejudicada pela crise.

O grupo 25 do regulamento do certame abrange a «Colonização». Compreende geografia, climatologia, meteorologia, geologia, mineralogia, fauna e flora, antropologia, etnografia, linguística, evolução politica e moral, historia, organização e administração, productos do solo e sub-solo, productos do reino animal, imprensa colonial, literatura indigena, literatura scientifica e documentária, artes e officios indigenas, empresas colonias e maritimas no passado, processos de colonização, ensino dos indigenas, serviços sociais, missões religiosas, material colonial, urbanismo, meios de transporte, productos de exportação para as colonias ou delas provenientes, etc.

A direcção suprema do certame foi, por decreto real de 6 de Julho de 1931, confiada ao conde Van der Burch e a Eduardo Cass-

Ante-relatório do I Certame Colonial

(Continuação da 1.ª página)

Pertenciam a todas as classes: Desde o professor grave, que aprendia um novo sentido das coisas portuguesas e meditava, talvez com certa tristeza, sobre passos de erradio que tinha andado em caminhos falsos, até ao burguês recolhido na sua mentalidade excessivamente metropolitana; desde o intelectual continental, cujas cultura e intelligência andam desnacionalizadas e a procurar brios e prestigio em ideas e ideologias europeias, até ao camponês iletrado e ingenuo; desde a criança rica, que não aprendia as coisas que a Exposição lhe ensina nas escolas custosas que frequenta, até ao estudante pobre da escola oficial.

A todos — era claro e palpável — varria uma lufada de bom orgulho nacional; e em todos ficava uma semente que outros acontecimentos, outras realizações teem que fazer germinar e durar. E isso é já um grande resultado.

As multidões que aqui vieram partiram de todos os pontos do país: uns chegavam em comitivas intermináveis de camionette, outros em combóios especiais, muitos em automóveis e carros de toda a espécie — alguns até pelo ar! A expansão deste centro de propaganda foi, de facto, enorme e não deixou um palmo desta terra em claro.

Também a terras estranhas — e muito mais largamente do que era de supor — chegou a influencia da Exposição. Toda a Imprensa europeia, pelo menos a que mais nos interessava, e sem que isso tivesse custado um centavo à Direcção do certame, fez grandes e honrosas referências, não apenas à Exposição em si — o que seria banal — mas, com o pretexto da Exposição, ao nosso esforço colonizador.

Vieram propositadamente visitar a Exposição muitos estrangeiros: jornalistas, politicos, professores, simples turistas. Nos ecos dessas visitas, que nos veem lá de fora, não há senão referências agradáveis, por vezes entusiásticas, ao nosso esforço e à nossa obra de grande potencia colonial.

E isto também é um resultado.

Mas entre estes e outros, que desde já se poderiam referir, porque desde já marcam uma expressão concreta, que são justificações da Exposição, um há que foi notável e exuberante que, só por si, representa um grande triunfo nacional: A Exposição conseguiu reunir em volta de um ideal e de uma idea portuguesa todos os portugueses.

As manifestações foram unánimes e concordantes. Nelas comungaram os homens de todas as politicas e de todas as ideologias. E se algum aqui entrasse com reservas, com o gume dos seus despeitos ou ferimentos, com o fel das suas derrotas ou do preconceito das suas ideas — todos se renderam igualmente, como portugueses de lei que, de repente, topam diante de si um caminho mais largo, um ar mais puro!

HENRIQUE GALVAO.

Director-técnico da I Exposição Colonial Portuguesa.

Exposição Colonial de Nápoles

Tem sido profundamente honroso, para o nosso país, o éxito alcançado pela representação portuguesa à Exposição Internacional de Arte Colonial, realizada em Nápoles.

Com os maiores e mais significativos elogios, todos os jornais italianos e o grupo de jornalistas estrangeiros se referem a Portugal.

O Padrão de Santa Maria e Diogo Cão, rodeado dos quatro obuzes fabricados no Oriente e em África; a estátua do Infante e o planisfério com as jornadas portuguesas; o retrato de Camões e a 1.ª edição dos «Lusíadas»; as pratas orientais, porcelanas, livros, colecções de arte indigena da Sociedade de Geografia, — que constituem a exhibição tem merecido louvores de todos os visitantes.

O representante de Portugal, nosso presado confrade e director do Comissariado de Propaganda, sr. António Eça de Queirós, tem sido muito cumprimentado.

pers. commissário e adjunto da Exposição Internacional Colonial e Marítima de Antuerpia, realizada em Antuerpia em 1930. Foi devido ao éxito desta que o Governo belge se apressou a registar no Bureau Internacional das Exposições, em conformidade com a convenção diplomática de 22 de Novembro de 1928, o certame que vai realizar-se de Abril a Novembro em Bruxelas, classificado oficialmente de «exposição geral de primeira categoria, onde se procura afirmar o quadro gigantesco e maravilhoso do estado de avanço da Civilização».

Emfim, uma Exposição Europeia.

MIMOSO MOREIRA.

(Do «Jornal do Comércio e das Colónias»).

Informação da Quinzena

Um telegrama do Chefe do Governo.

O sr. capitão Henrique Galvão, director-técnico da Exposição Colonial, recebeu do sr. dr. Oliveira Salazar o seguinte telegrama: «Muito penhorado, agradeço o telegrama de V. Ex.º do dia 1 e felicito-o pelos seus bons esforços para o completo éxito da Exposição. — Presidente do Conselho».

Júris de recompensa.

Reünim-se há dias o Júri Superior de Recompensas no gabinete da Direcção da Exposição Colonial, para apreciar algumas reclamações que, nos termos do artigo 98.º do Regulamento lhe foram formuladas pelos expositores premiados.

Foram atendidas as seguintes:

Caves da Rapozeira, de Lamego, — elevada a classificação de Diploma de Honra para Grande Prémio; Fábrica de Cortumes do Seminário, idem; D. Emilia da Silva Carvalho, idem.

A Companhia União Fabril Portuense, — elevada a classificação de Medalha de Ouro para Diploma de Honra; Empresa Industrial de Sampedro, Limitada, idem.

Electro Central Vulcanizadora, Limitada, — elevada a classificação de Medalha de Prata para Medalha de Ouro; Ricardo Augusto Pereira, idem; Carlos Silva, Barbosa, Limitada, idem; Centro Agrícola Industrial, Limitada, idem, e Alvaro Rodrigues, o mesmo.

Não foram atendidas sete reclamações, sendo confirmadas as recompensas atribuídas. As importâncias que acompanharam as reclamações não atendidas, serão distribuídas por estabelecimentos de beneficência.

A Província de Angola

O seu número comemorativo

Temos sobre a nossa mesa de trabalho o número comemorativo, editado expressamente para a Exposição Colonial Portuguesa, de A Província de Angola. Trata-se duma edição de luxo, de muitas dezenas de páginas ilustradas, impressa em papel couché, com copiosa e valiosa colaboração.

Aparte a excelente apresentação gráfica, há um aspecto digno de registo, que temos muito prazer em focar.

A Província de Angola é um jornal dos mais cotados nas colónias portuguesas. Começando em 1923 por semanário, logo passados meses iniciou a sua publicação tri-semanal em pouco tempo se transformou em diário. Esta resolução revestiu-se de certo arrojo, porque A Província de Angola foi o primeiro jornal que se editou diariamente na África Portuguesa. Só mais tarde surgiu em Lourenço Marques um diário — o Notícias — que é ainda o único publicado todos os dias na colónia de Moçambique, como A Província de Angola é o único editado, diariamente, em toda a África Ocidental Portuguesa.

A sua expansão acentua-se de dia para dia e ao seu director, o proficiente jornalista sr. Adolfo Pina, se deve todo este desenvolvimento. Profundo conhecedor dos assuntos económicos de Angola, culto e viajado, director de associações da especialidade locais, tem tratado no seu jornal todos os problemas angolanos, sendo as colunas de A Província de Angola um repositório utilissimo de análises, conceitos, observações e números, pois é um dos poucos jornais coloniais que nos dá frequentes pormenores sobre estatísticas demonstrativas dos aspectos sociais e económicos de Angola; e das suas relações com a Metrópole, colónias portuguesas e estrangeiras.

A I Exposição Colonial Portuguesa deu A Província de Angola um concurso dos mais prestantes. A propaganda feita nas suas colunas e a sua expansão contribuiu deveras para a cooperação obtida em Angola. O diploma de grande prémio que lhe foi atribuído pelo júri de recompensas, se foi um galardão de justiça ao primoroso número editado e prodigamente distribuído na Exposição Colonial aos seus expositores, congressistas e cooperadores, pode ser considerado também um reconhecimento, aliás insuficiente, à acção poderosa de Adolfo Pina e do seu jornal.

O ULTRAMAR cumprimentando pelo 12.º aniversário A Província de Angola, deseja-lhe as maiores prosperidades.

(Continuação da 1.ª página 1.ª coluna)

Foi ainda na sua sede que funcionou durante muitos anos a primeira e única Escola Colonial de Portugal, que só há pouco mais dum ano disfruta de sede própria em virtude da sua remodelação para «escola superior», a dilatação dos programas, o desdobraimento de aulas e a concorrência de alunos colidirem as acanhadas dependências de que disfrutava.

Diagono o Pôrto dum edificio de excepcionais condições, (melhor do que o da Sociedade de Geografia) servido dum parque e estufas onde podem adaptar-se plantas tropicais, proporcionando-se uma ocasião unica de reunir uns tantos elementos demonstrativos — está naturalmente indicado que algo neste sentido se constitua.

Lima das razões que influíram para a realização da I Exposição Colonial Portuguesa no Pôrto foi precisamente a falta de propaganda e esclarecimento sobre assuntos do Ultramar que no Norte do País se fazia sentir. Centro fabril e de maior importância, fulcro de grande expansão industrial, origem da maior parte da exportação nacional, estava praticamente na obscuridade neste ponto de espiritos empreendedores devem atingir novos vists económicos. A Exposição abriu uma clareira por onde as boas vontades e os horizontes ou a libertação de meios de que são ainda hoje dependentes.

ULTRAMAR tem o representante em Lisboa, o sr. João Santos, na Avenida Elias Garcia, 77-1.º.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A obra cultural da Exposição Colonial

A Exposição Colonial foi toda ela obra de cultura. Se procurou o caminho do sentimento, buscou sobretudo falar às inteligências, cultivá-las.

No entanto mereceu especialmente chamar-se acção cultural a série de conferências, congressos e publicações que por iniciativa e com o auxílio e colaboração do glorioso certame se realizaram.

Deve notar-se que as conferências, na medida do possível, obedeceram a um plano previamente estabelecido e inteiramente elaborado.

Para cada assunto escolheram-se os mais competentes, alguns dos quais nos vieram ensinar e encantar com as suas lições, em que a profundidade do pensamento se associou sempre à elegância e pureza da linguagem.

Era realmente necessário que tratádo-se de criar uma mentalidade própria da ideia de o Império, se falasse em bom português, despidido das infiltrações de fora, que o estão abastardando.

Abriu a série de conferências Henrique Galvão, o admirável director técnico da Exposição, que, tratando como Mestre de «A função colonial de Portugal, razão de ser das nacionalidades», mostrou como as suas qualidades de colonialista convincente e formidável realizador, junta as de doutrinário e prosador duma sobriedade e espontaneidade invulgar, com um cunho pessoal inconfundível.

Na série de conferências teve especial relevo, pelos seus professores, a velha e gloriosa Universidade de Coimbra.

Falou-nos do «Reconhecimento científico das Colónias», o Prof. Carriso; da «Educação e do Império», o Prof. Agostinho de Campos; da «Política Colonial», o Prof. José Carlos Moreira, e de «Defesa sanitária das colónias portuguesas», o Prof. Meliço.

Todos, nas suas lições magistrais, honraram a Universidade de que são ornamento, fizeram propaganda útil de ideias fecundas e mostraram que no Império há um escol, que é elemento seguro do seu progresso.

Leite de Magalhães, Ferreira Monteiro, Hugo de Lacerda, Lemos Ferreira, Pires de Lima e outros puseram, com competência e brilho, assuntos vitais para o futuro do Império.

Queremos referir-nos especialmente à Sua Ex.^a Reverendíssima o Sr. Arcebispo de Ostrinico, que abordou duma maneira interessantíssima e sugestiva o problema fundamental da acção missionária, que Antonio Ennes, em frase lapidária, reputava basilar.

A maior parte destas conferências estão publicadas, sendo assim esta a parte permanente da Exposição. Escritos de valor que ficam e que enriquecem o nosso património intelectual.

Além das conferências a Exposição publicou as teses apresentadas aos Congressos, de que vamos falar.

Em todos eles se apresentaram trabalhos de alta valia, de indole pratica e que tem lugar de relevo nas bibliotecas dos studiosos e daqueles a quem interessa — e a todos deve interessar — o problema colonial, que é, afinal, o problema português.

Além das conferências reiniram-se vários Congressos:

O Congresso Militar Colonial, o Congresso de Agricultura Colonial, o Congresso de Intercambio Commercial com as Colónias, o Congresso de Antropologia Colonial, o Congresso de Colonização e o Congresso de Ensino Colonial na Metrópole.

Em todos eles se lançaram os olhos para um passado de glória, como fonte de

dinamismo e incentivo para novos e incessantes cometimentos: mas em todos eles se marcou sobretudo o presente e o futuro, fixando-se directrizes, avaliando possibilidades, lançando as bases da unidade material e moral do Império.

O Dr. Cunha e Costa falou-nos com brilho invulgar e profundo conhecimento do assunto de O Problema Bancário do Ultramar.

O problema dos vinhos do Porto nos mercados coloniais, teve um relator excelente em Ricardo Spratley.

Antonio Mantero e o Dr. Carlos Mantero disseram coisas interessantissimas e úteis sobre alguns produtos da economia colonial nos mercados agricolas.

As questões do ensino, os problemas de colonização, as questões economicas, as realizações de fomento, as indicações da ciencia: tudo isso foi exposto, discutido, explorado, criticado, estudado com qualidade, com elevação e com espirito nacional, pon-do-se, acima de tudo, o interesse colectivo.

Como estivemos longe das assembleias palavrosas, em que se procura apenas o efeito pessoal e em que a opulência da forma mal encobre a absoluta miopia de ideias.

O Congresso Militar Colonial, que reuniu alguns dos homens que em Africa gastaram uma parte da sua vida, lutando, sofrendo e trabalhando por Portugal, mostrou que o nosso glorioso exercito, que tornou possível o ressurgimento que nos encobre, compreende bem a sua missão actual e que continua a ser o guarda vigilante dum patrimonio que, em grande parte, constitui a maior e melhor garantia da nossa existencia como nação livre e com uma grande missão civilizadora a cumprir.

O Congresso, onde foram apresentados trabalhos notáveis, mostrou consolidadamente que a nova ordem de coisas se apossou de todos os espiritos, mesmo os que poderíamos supor mais rebeles à sua beneficial influencia.

João de Almeida, na abertura do Congresso e Norton de Matos, no seu encerramento, encontraram-se no mesmo profundo sentimento nacionalista.

O Congresso de Agricultura Colonial, a seguir realizado, que reuniu algumas das mais reconhecidas capacidades nos assuntos agricolas — professores, agrónomos, engenheiros, agricultores, escritores da especialidade — realizou-se num ambiente de interesse e de sábia discussão, que não raro se lhe deu o relevo duma Academia.

Tratou-se de lançar as bases da ordenação economica entre a metrópole e as colónias, de maneira a que se não prejudicarem, antes se conjungam e completem, firmando a unidade da Nação.

Além dos problemas de fomento agricola, tratou-se da assistência técnica às colónias, e da forma de auxiliar os colonos-agricultores, para lhes melhorar os meios de acção e para os fixar à terra.

Mais se estudaram as possibilidades agricolas das colónias, o estado actual da cultura, e defesa da produção agricola, as possibilidades florestais e pecuarias das colónias.

Apresentaram-se trabalhos sobre a mão de obra, crédito agricola e organização associativa, acondicionamento e transporte dos produtos, produção de oleaginosas, milho, trigo, arroz, etc.

Votaram-se conclusões valiosas, que a imprensa oportunamente divulgou e que são admiráveis directrizes para os governantes.

Todas as teses apresentadas a este Congresso se acham publicadas, constituindo uma colecção indispensavel para quem queira conhecer esse importante problema nacional.

O Congresso de Inter-Cambio Commercial com as Colónias, cuja ultima finalidade é a unidade economica do Império, tão necessaria como a politica e a espirital, que trabalhou nesse ambiente propicio, elegante e confortavel da Associação Commercial, e de que foram animadores Antonio Calem, Dominguez de Freitas e Ricardo Spratley, altos valores nacionais e a alma do movimento Pro-Colónias, que tornou possível a Exposição, foi de grande alcance e a sua importancia mede-se bem pelo valor dos trabalhos apresentados, e que estão sendo impressos, para que a lição chegue a todos e perdure.

O Prof. Bento Carqueja tratou com a costumada proficiencia de «As Colónias na

Economia Nacional». O Dr. Armando Marques Guedes discorreu como Mestre sobre as «Condições gerais para a solução do problema do intercambio commercial com as Colónias».

Manuel Marques Guedes tratou com grande competencia das Fontes Maritimas.

Gonçalves Monteiro, uma autoridade, dissertou sobre Pautas Aduaneiras.

Sales Henriques apresentou um notavel trabalho sobre Lijação maritima da Metrópole com as Colónias.

Estes e muitos outros que por brevidade omitimos, apresentaram teses, que são trabalhos de consulta e que fixam aos homens do governo directrizes seguras e fecundas.

Além das pessoas já referidas merecem especial menção a Associação Central de Agricultura e a Associação Commercial de Lisboa, da qual pedimos licença para destacar Alvaro de Lacerda e Roque da Fonseca, que tanto brilho deram com a sua palavra à sessão inaugural, honrada com a presença e uma magnifica alocação do Sr. Ministro do Comercio.

Segue-se o I Congresso de Antropologia Colonial, superiormente organizado pelo Conselho Director da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, de que é principal elemento o Prof. Mendes Correia, o qual, ainda há pouco, no Brasil honrou a cultura nacional.

É extensa e competente a lista das comunicações apresentadas a esta assembleia, em que se reuniram autenticos sábios nacionais e estrangeiros.

Sobre Antropologia fisica, biologia étnica, cruzamentos, grupos sanguíneos; etnografia, folk-lore, linguística, psicologia, sociologia e religiões; prehistoria e arqueologia, geografia humana, migração, demografia, criminologia e aclimação, foram apresentados estudos originaes e resultados dos que foram feitos sobre os indigenas coloniais portugueses, que compunham as diferentes aldeias da Exposição.

Além das conferencias inaugurais dos Prof. Pires de Lima e de Sua Ex.^a o Sr. Arcebispo de Ostrinico, que foram notáveis, ouviu o Congresso a palavra colorida e suggestiva do Prof. Lopo Vaz, a linguagem sábia do Prof. Eusebio Tamaçani, a dissertação bella de Aarão de Lacerda, e uma conferencia maravilhosa do Prof. Germano Correia, com ciencia, com arte, com raro brilho literario, com erudição e com poesia.

Todos esses trabalhos devem ser publicados em volume, que dará lustre e gloria à ciencia antropologica dos portugueses.

O Congresso de Colonização, organizado pela benemerita Sociedade de Geografia, a quem o pais já tanto deve, reuniu todos os valores que entre nós se interessam pela colonização, em que portugueses precederam, no sentido mediano da palavra, todos os outros povos.

Tendo por finalidade principal estudar o povoamento das colónias portuguesas, distribuiu os assuntos a versar por dois grandes grupos: colonização branca e colonização indigena.

Estudaram-se exaustivamente entre outros assuntos:

- a massa demografica portuguesa quanto ao seu quantitativo, divisões pelas raças, idades e profissões, oscilação dos seus movimentos emigratórios dos ultimos 50 anos e suas condições particulares para a obra de colonização;
- localização da população branca nas colónias de Angola e Moçambique;
- determinação das zonas mais aconselháveis para a colonização branca nas colónias de nossas colónias;
- estudos da colonização livre e da colonização dirigida;
- estudo dos processos e métodos para fomentar com êxito a colonização branca nas colónias;
- situação demografica da população indigena nas duas colónias, análise dos censos, informações étnicas e etnograficas. Processo da fixação e desenvolvimento das populações indigenas nos ultimos 50 anos;
- métodos para ativar o desenvolvimento e progressos das populações indigenas e da sua fixação especialmente em Angola e Moçambique.

As questões missionárias, a de mestiçagem, emfim quanto interessa à colonização portuguesa foi versado nas sessões do Congresso com ciencia e zelo pela consolidação do Imperio.

Ao mesmo tempo reunia-se, e tambem na Universidade do Porto, que auxiliou de forma inesquecivel a acção cultural da Exposição, o Congresso de Ensino Colonial na Metrópole.

Organizou-o a Escola Superior Colonial, de que é director o Conde de Penha de Garcia, que tanto neste Congresso, como no de Colonização, teve papel primordial.

É um bom servidor do seu pais, em que concorrem talentos e virtudes dignos de homenagem e louvor.

Nesse Congresso reiniram-se professores de todos os graus de ensino e de todos os seus ramos — primário, secundário, técnico e superior — para acordarem na forma mais pratica e eficaz de interessar os estudantes portugueses pelas colónias, fazendo-as conhecer melhor e amar.

Este objectivo, que é basilar, deu ao Congresso especial relevo.

E os trabalhos apresentados, emanados de autoridades eminentes, como o director geral Braga Paisão, os professores do Liceu Normal de Lisboa, o prof. Lopo Vaz, Tamaçani e outros, são estudos definitivos, reveladores dum escol de professores, que entendem bem que à sua função de instruir tem de juntar o de educar, e de que toda a escola, seja primaria seja superior, tem de visar sobretudo a formar portugueses, lançando as bases intellectuais do Império.

As ultimas palavras destes dois Congressos foram proferidas pelo Sr. Ministro das Colónias, que mais uma vez revelou ser um organizador e animador magnifico.

Cremos ter dito o que, sob o aspecto cultural, de mais importante se fez sob a iniciativa, com o auxilio e colaboração da Exposição Colonial.

Examinadas bem as coisas, verifica-se que foi importante a acção intellectual do prestigioso certame, de repercussão mundial.

Foi talvez o que menos se viu, realizado num curto espaço de tempo e numa época do ano consagrada precisamente a descansar das fadigas da intelligencia.

Mas foi, porventura, o mais útil. Pelo menos o mais duradouro.

Quando já houver apenas uma pálida ideia da grandezza e beleza dessa Exposição sem par, ainda estarão nas bibliotecas e nas mãos dos studiosos esses magistrais trabalhos impressos de que falei, como lição e exemplo, como guia e incentivo, e que ficarão a atestar com a existência dum escol, a certeza de que nesse certame se a parte material foi cuidada com superior competência, a parte espirital mereceu muito especial e proveitosa atenção.

PINHEIRO TORRES.

ULTRAMAR é largamente distribuído pelas Colónias, consulados e casas de Portugal no estrangeiro, centros de turismo, estabelecimentos de cultura e ensino officiaes e particulares, associações commerciaes, agremiações, organismos coloniaes, etc.

Album Comemorativo da I Exposição Colonial Portuguesa

REDIGIDO POR HENRIQUE GALVÃO
ILUSTRAÇÕES DE EDUARDO MALTA
EDIÇÃO DE LUXO REDUZIDA,
que não será lançada
"A. N. O. mercado A. N."

Preço Esc. 100\$00

Acceptam-se inscrições na Secretaria da Exposição, ao Palácio de Cristal. Envia-se um numero especime a quem se increver com mais de um exemplar.

História Trágico-Marítima

Edição da Exposição Colonial Portuguesa

PUBLICAÇÃO EM FASCICULOS

Preço Esc. 30\$00

Assinatura aberta na Secretaria da Exposição, ao Palácio de Cristal.

O Ensino em Angola nas suas diversas formas

Conferência pelo dr. Artur de Almeida de Eça

O sr. dr. Artur de Almeida de Eça, illustre Director dos Serviços de Pecuaría de Angola e delegado do Governo daquella Colónia junto da Exposição Colonial, efectuou na noite de 24 do corrente, no salão do Club dos Fenianos Portuenses, uma brilhante conferencia, subordinada ao tema: «O Ensino em Angola nas suas diversas formas», promovida pela Federação dos Amigos da Escola Primária e à qual presidiu o sr. capitão Henrique Galvão.

Concedida a palavra ao sr. dr. Artur Almeida de Eça, principiou por dizer que a sua conferencia devia ter sido feita dentro do ciclo pré-colónias que há pouco findou e a Exposição Colonial preencheu.

Para ainda sobre nós todos e à nossa roda esse ambiente, misto de alegria, prazer e orgulho, que encheu o Porto nesses meses de Exposição Colonial.

Mas tudo se esvaia pouco a pouco: — é da condição humana. Há de lentamente desaparecer a nitidez dessa fotografia de cor e movimento; há de rarefazer-se o ambiente alegre e consolador: — novos aspectos virão substituir os que existiram: ar de diversa composição, talvez de laivos tóxicos, virão modificar ou contaminar aquele ambiente.

Sinto-me bem por ser nesta cidade do Porto, o primeiro que, fechado esse ciclo pré-colónias, vem relembrá-lo em palestra pública e tentar — embora modestamente — não deixar apagar o fogo sagrado — que sagrado é — da causa colonial.

Uma anedota alusiva

Há uns anos Luis Gros, em um dos seus interessantes livros de estudos económicos, e num capítulo sob a designação de: «O ensino Colonial não existe em França», descrevia uma cena passada mais ou menos por esta forma:

Pregunta o professor:
— Menino Dupont, levante-se e responda: — O que é uma Colónia?

O menino Dupont, atropalhadamente, responde:

— Uma Colónia é... chama-se Colónia... Colónia... eu não sei.

O mestre indaga de outro modo:

— Diga Durand?

Resposta do discípulo:

— Uma Colónia... é lá que se veem os pretos. É a terra dos elefantes e florestas virgens... e... e... Engasgo-se.

Um vizinho da carteira ajuda Durand, soprando-lhe:

— ...das florestas virgens, com leões, crocodilos e canibais.

Comentava Luis Gros que Dupont e Durand não eram responsáveis destas mediocridades.

Isto passava-se há muitos anos.

Os livros escolares sobre as Colónias

Ora esta reminiscência de leitura, sugeri-me a curiosidade de ter querido ler um livro escolar que me veio à mão — um dos tais compêndios por onde meu filho deveria estudar, uma geografia, de que não desejo mencionar o autor para não fazer reclame à obra... É uma edição de 1932 e actualizada, no dizer dos editores.

Que ensina elle às crianças?
Que Angola «tem uma grande variedade de gados, e nos matos se encontram muitos animais ferozes, leões, hienas, tigris, panteras, leopardos e elefantes».

Que na sua «região média, abundam as florestas virgens povoadas de muitas variedades de acácias, monstruosos imbondeiros, e outras espécies que fornecem excelentes madeiras».

O autor do compêndio só não se engasgou, por que de resto, a noção é semelhante à de Dupont e Durand... Só lhe faltam os canibais, mas tem a mais tigris e panteras que lá não existem e até imbondeiros a dar excelente madeira, coisa que nunca deram, nem nunca darão.

Nesse livro a descrição económica de Angola é feita numa curtiíssima página e vale bem o resto. Aprecie Vossas Excelências: «As culturas que mais se têm desenvolvido são as do café e da cana de açúcar, abundando também a borraça. A do café também tem progredido nos concelhos do interior, no Cazengo, que é onde se produz o de melhor qualidade, no Golungo, em Ambaca, etc. O algodão e sobretudo a cana, sacarina, culti-

va-se em larga escala em Mossamedes. No sertão de Benguela abunda a borraça, que hoje constitui a maior riqueza da Província».

As pessoas aqui presentes que conhecem Angola podem apreciar sem qualquer comentário, o que este esboço económico contém de barbaridade, sobretudo numa edição actualizada de 1932, mas as que por lá não andaram e não são dadas a leituras destas coisas, necessitam ser elucidadas.

O sr. dr. Almeida de Eça continua depois a criticar com desassombro o referido compêndio de ensino secundário, aprovado em 1932 pelo Conselho Superior de Instrução Pública!

«Com compêndios assim — exclama o orador — e uma mentalidade colonial desta ordem, vale mais a ignorância absoluta! Intic-se o ensino colonial desde a escola primária, amplie-se no liceu e nas escolas técnicas, mas que os compêndios sejam cartilhas de noções verdadeiras, morais e úteis e não um amontoado de heresia e absurdos!

«Na verdade, meus senhores, afóra as noções das descobertas, e a designação das nossas Colónias, que mais se ensina às crianças sobre o Portugal de Além-Mar?

«A criança sai da escola primária e do liceu, conhecendo, é certo, a história de Portugal das descobertas e das conquistas, mas sem uma ideia do que tenha sido posteriormente a obra grandiosa de ocupação e colonização; e a criança deixa os seus primeiros estudos sem conhecer quais são as produções desses vastos territórios, as suas aptidões; as crianças são educadas nos primeiros oito ou dez anos de seus estudos, sem que as interesse pelo aspecto económico das Colónias.

Elas sabem lá o nome dos principais pioneiros da civilização no ultramar? Elas sabem lá distinguir as diversas colónias pelas raças que as habitam: — são tudo pretos! Elas sabem lá distinguí-las pelas produções características ou pelas suas aptidões? Sabem lá, os nossos alunos dos últimos anos do liceu, o que cada colónia vale como fornecedora ou compradora da metrópole!

No entanto é necessário que tudo isto se lhes entente, ao menos para que, mais tarde, em seu espirito se não possa formar a ideia de temor, e de receio e até de descrença e desprezo, que se antinhou em cabeças de gente crescida. O trabalho tem de ser grande, mas tem que fazer-se para, em justa razão, poderemos chamar que somos um povo colonial dentro daquela classificação, de que povo colonial, só o é aquele que sente íntima e constantemente a vida das Colónias».

A seguir o sr. dr. Artur de Almeida de Eça faz a história do ensino em Angola até quasi a actualidade.

O Ensino em Angola

Proseguindo: — «Ao presente, o ensino em Angola está dividido nos seguintes graus, melhor direi que se encontra dividido pelas seguintes classificações: ensino secundário, ensino primário superior, ensino primário geral, ensino profissional e ensino rural indígena.

O ensino secundário é ministrado por dois liceus, o Central de «Salvador Correia», em Luanda e o Nacional de Huila, em São da Bandeira. O primeiro tem no ano escolar que decorre 280 alunos, o segundo tem 183. Frequentam pois o ensino liceal em Angola 463 alunos não contando os que são habilitados por escolas particulares.

Ao ensino secundário em Angola pode dizer-se que só concorrem brancos e mestiços. No liceu de Luanda, 51,19 % da frequência é de brancos, 42,22 % é de mestiços e somente 6,39 % é de pretos. No da Huila 87,83 % é de brancos e 12,37 % de mestiços, não havendo frequência de pretos.

Da frequência total de 20 alunos em 1920 passou-se, 14 anos depois, à já apontada de 463 alunos.

Os números indicados dão nota de importância do ensino secundário em Angola, que serve sobretudo, aos filhos dos colonos. O Estado dispense somente nesse ensino 1.452 contos.

O ensino primário superior, constitui em Angola uma anomalia. Criado quando ainda na Metrópole existiam escolas de igual título, não desaparecem quando na Metrópole foi extinto. Resulta daí diplomarem-se pela única escola do género que existe na Colónia, a «Escola Primária Superior Barão de Mossamedes» em Mossamedes, alunos que não encontram sequência nos seus estudos e que, com o curso respectivo completo, ficam sem a que ater-se.

O ensino primário geral divide-se por três circunscrições escolares, que têm ingerência nos outros ramos de ensino inferior, e comporta em funcionamento 69 escolas, com a frequência de 4.500 alunos. Custa ao Estado menos de 2.000 contos.

Também o ensino primário como o liceal, tem progredido. Estamos hoje bem longe daquelles números que atrás indiquei, quando a vossas excellências li uma parte do trabalho do capitão Sousa Dias.

A escola profissional é ministrado em Angola exclusivamente a indígenas e em grau inferior. Esse ensino é servido pelas escolas officinas do Estado e pelas Missões religiosas, tanto católicas como protestantes.

As escolas officinas são devidas ao Alto Comissário Norton de Matos e têm fins a mais que um titulo de apreço. Dão ao indígena o conhecimento da lingua portuguesa, ensinam-lhe um officio, colocam-no em contacto com a vida social do europeu, em suma, civilizam-no.

Há na Colónia, somente 14 escolas deste tipo, que custam ao Estado 1.540 contos, e com uma frequência na verdade relativamente diminuta, para o que deveria ser. O ensino profissional é ainda ministrado pelas missões religiosas, católicas e protestantes.

Missões católicas e protestantes

As missões católicas têm sido feitos bem merecidos elogios. Durante longo tempo foram ellas as únicas pagadoras da instrução em Angola. O seu ensino abrange o conhecimento da nossa lingua e a prática de artes e officios, além da educação religiosa.

As missões possuem officinas de calçado, de alfaiate e de impressão; têm instalações de cerâmica, de carpintaria e de ferreiro e algumas de cortimenta, etc. Compreende-se que, dentro desta multiplicidade de officios, os indígenas saiam das missões católicas adestrados em artes as mais variadas. Possuem as missões também terras de cultura, as suas hortas, os seus pomares, as suas ceareas, os seus cafezais, onde habitam aos trabalhos agricolas os seus pupilos.

A instalação de uma missão nova é uma lição para o indígena — e todas as missões católicas o foram — pedra a pedra, tijolo a tijolo, árvore por árvore é o preto que vai, sob a direcção dos missionários, erguendo os edificios e fazendo a propriedade agricola.

As missões católicas são 41, servidas por 11 missionários, dos quais 7 são pretos, e 153 auxiliares. Comportam 60 escolas para ambos os sexos, frequentadas por 5.435 alunos. Nestes números não se incluem as que correspondem ao ensino dissimulado pelos catequistas indígenas espalhados por muitas dezenas de quilómetros à roda das missões. Custam as missões católicas ao Estado 3.417 contos, devendo ter-se em conta que neste quantitativo está incluído o Bispado de Angola e Congo e toda a assistência religiosa a europeus.

As missões protestantes, vivem demasiado à parte do Estado. Por um inquérito que recentemente orientei para obter indicações da acção destes estabelecimentos, verificou-se a existência de 44 missões não católicas, servidas por 242 missionários, professores e auxiliares e com a frequência de 6.958 alunos.

O ensino rural indígena é ministrado por indígenas em escolas rurais junto das sanzalas. Serve para espalhar entre os indígenas a lingua portuguesa e criar-lhe necessidades e hábitos diferentes do que têm na sua sanzala, na sua povoação. É por assim dizer o ensino infantil. Há em Angola 20 escolas deste género, com as quais se dispendem 120 contos.

Para completamente elucidar vossas excellências, devo ainda acrescentar que existiu em Angola uma Escola Normal Rural para habilitação do professorado das Escolas Rurais, escola que já não está em funcionamento.

Além do ensino que lhes relatei, há ainda que ter em conta o ensino secundário e superior das Missões católicas, ministrado por 4 seminários indígenas, 1 seminário preparatório e 1 seminário superior, onde há pouco foram ordenados em Angola os primeiros padres pretos. Para o sexo feminino há duas escolas de formação de irmãs indígenas.

O ensino não satisfaz ainda

Do esquema que lhes apresentei do ensino em Angola, verifica-se que elle não é já hoje de somenos importância. Está porém longe ainda de satisfazer as necessidades da Colónia.

Ora a verdade é esta, Angola, a pesar-de nos últimos anos ter melhorado, em alguns ramos, o seu ensino, está longe de o possuir como seria para desejar e como seria necessário.

Estamos a muita distância já, como demonstrei, do reduzido número de escolas e da pequena frequência de há trinta anos; com os 26 professores de ensino secundário, com os 6 de ensino primário superior, com os 12 de ensino primário geral e os 48 de ensino profissional, num total de 200 afóra os de ensino missionário e rural, estamos bem além daquelles 48 professores primários que em 1910, constituam o total dos mestres em Angola; mas, é necessário ter-se em conta que se trata da Colónia Portuguesa com mais população europeia. Precisamos encarar muito seriamente este problema, porque elle necessita solução urgente.

O ensino ministrado em Angola, não basta a sua população branca e a sua população preta; é necessário multiplicá-lo, ampliá-lo, e defini-lo em sentido mais útil e proveitoso, aproveitando, de-resto, quasi tudo o que existe, que é bom.

Mas o que a Metrópole e as Colónias devem procurar é conseguir que os filhos de colonos ou funcionários com residência permanente ou por longo tempo fixada no Ultramar, possam vir, concluídos os seus estudos secundários, obter o diploma de cursos superiores na Metrópole, daqueles cursos que mais interessam a cada Colónia.

Resolvio o problema a criação de bolsas de estudo especiais destinadas a facultar a formatura de meia dúzia dos mais distintos e applicados alunos que concluísem o curso do liceu. Moçambique, segundo leio, procura já instituir essas bolsas para alunos que venham tirar à Metrópole o curso superior colonial; o Estado também faculta, de há anos a esta parte, a uns tantos funcionários, por ano e por Colónia, a sua matrícula no mesmo curso, com os vencimentos normais que recebem em gozo de licença na Metrópole.

Estas bolsas de estudo, para cursos superiores, que mais utilidade representem para a Colónia, bastariam a Angola, desde que não fossem circumscritas à Escola Colonial, visto que a Angola muito interessa o affluxo de técnicos especializados em determinadas funções, que não cabem à Escola Colonial.

Em vez de mais liceus, mais ensino técnico

O ensino secundário não necessita ser ampliado em número de liceus; os dois existentes devem por muitos anos satisfazer as necessidades da Colónia. O que é preciso é melhorar as condições do ensino, em especial pelo que respeita a instalações, que são acanhadas, e o material, que é inferior e reduzido.

Mais conveniente é criar o ensino técnico, de grau médio, que já existe em Moçambique. Refiro-me a escolas Industriais, escolas Comerciais e escolas Agricolo-Pecuarías. De início qualquer destas modalidades de ensino seria de grau inferior, só atingindo o que na Metrópole corresponde ao grau médio, ao fim de alguns anos, quando as condições económicas e de desenvolvimento da Colónia o permitissem e dessem vazio aos diplomados.

Este ensino poderia ser ministrado em escolas especiais e em cursos anexos aos dos dois liceus.

E concluindo:

«Permitam que anteponha os meus cumprimentos ao sr. capitão Henrique Galvão e os meus agradecimentos pelas palavras amigas com que deseju, na presidência desta sessão, classificar o meu trabalho e o meu esforço em prof das Colónias e com que igualmente quis designar as minhas qualidades. Muito obrigado.

Quero aproveitar esta ocasião, que julgo ser a primeira após o fecho da Exposição Colonial, para publicamente o cumprimento pelo éxito desse marcante empreendimento. Todos devem estar satisfeitos: os da ideia — essa sempre activa gente de comércio deste burgo, do meu burgo; os da realização — o Governo e em especial o sr. Ministro das Colónias; e, os da acção — v. ex. e os seus colaboradores.

Todos compartilham do agradecimento daqueles que desejam se agite a questão colonial.

Ao rever a consagração da Exposição Colonial nas manifestações que o cercaram

(Continua na 8.ª página)

Do sucesso da Exposição

Curiosos números estatísticos

Tem o ULTRAMAR publicado por várias vezes, apontamentos estatísticos sobre o movimento da Exposição. Terminado o certame, foi possível obter números completos e esses vamos divulgar, a título meramente noticioso, com alguns comentários que se nos oferecem.

Iniciaremos essa resenha pelo movimento de

Entradas no recinto

Para comodidade do público foram montadas cinco bilheteiras ordinárias, uma na Praça da Liberdade, no centro urbano da cidade do Porto, oferecendo assim fácil acesso e tendo paralela um pósto de informações; e quatro junto ao portão grande do Jardim do Palácio. Em dias de grande afluência foi necessário desdobrar os postos de venda de bilhetes, com bilheteiras especiais, devendo considerar-se que nunca, em dia algum, os revendedores de bilhetes deixaram de os vender ao público, mediante a percentagem oficialmente autorizada.

A venda de entradas nessas bilheteiras, com taxas de 5500, 2550 e 1550 foi de 1.050.549.

Na intenção de proporcionar aos operários das fábricas a visita à Exposição, em grupos e depois no período final, a excursões, foi estabelecida a venda de bilhetes com redução, quando solicitados à direcção e baseados em pedidos, em argumentos de atender. Essas reduções para requisições superiores a 50 bilhetes foram de 20 a 50 % sobre 2550 e 5500. Nessas condições foram vendidos mais 86.868 bilhetes.

As excursões especialmente organizadas e não incluídas no número supra deram ainda este movimento de entradas:

1.ª Excursão Nacional...	2:136
2.ª Excursão Nacional...	7:254
Excursão de Bombeiros...	2:500
Parada Regional de Entre Douro e Minho...	15:000
Parada de colectividades e aggregações de recreio...	23:000
Parada de Escoteiros...	700
Excursão de Vigo...	300
Excursão da Corunha...	200

Isto dá uma totalidade de 51.090 entradas, merecendo reparar-se que as chamadas «excursões nacionais» visaram proporcionar a viagem ferroviária a visitantes dos pontos mais afastados do Porto, como sejam o Algarve, o Alentejo, as Beiras e Trás-os-Montes — dado que o litoral estava servido pelos «expressos» e combóios semanais da C. P., a preços reduzidos; e que o número indicado para as excursões da Corunha e Vigo se referem a uma das muitas que a Galiza organizou durante todo o período da Exposição.

As escolas e liceus deram o seguinte contingente: 13.566 alunos e 919 professores. Embora a Exposição funcionasse num período de férias escolares e muitos estudantes tivessem frequentado ou visitado o certame como simples espectadores, pagando portanto, os seus bilhetes, o número de entradas solicitadas é assaz reduzido para o que seria dado desear. O esclarecimento na mocidade ficou longe de ter a projecção necessária, mas a direcção da Exposição não podia dispor doutro acolhimento que não fosse o da entrada gratuita, tendo sido geradas as sugestões para um auxilio oficial ao transporte de alunos pobres de escolas oficiais de terras afastadas.

A este número de entradas há a acrescentar as resultantes do acesso ao teatro.

Como é sabido funcionou durante três meses, no recinto da Exposição, aproveitando a sala de espectáculos do Palácio, chamada de *Gil Vicente*, um teatro, onde se exhibiram duas peças de motivos relacionados com o certame. Da remodelação que sofreu a sala resultou uma lotação de cerca de setecentos lugares. Os espectadores munidos de bilhetes para estas funções tinham acesso no recinto da Exposição; ainda que uma parte importante, desconhecendo o facto, só adquirisse as entradas privativas para os espectáculos depois de estarem no recinto da Exposição, o que é de apurar, admitindo 50 % de entradas nestas condições, são mais 40.000.

Temos ainda os bilhetes de identidade passados, nas seguintes condições:

Comissões Organizadora e Executiva Acionistas da S. A. E. C. P. e Corpos Gerentes...	12
Movimento Pro-Colónias...	70
Pessoal Maior da Exposição...	2
Pessoal Menor da Exposição...	44
Pósto de Socorros...	121
Imprensa...	10
Diversos...	89
Expositores...	247
Empregados dos Expositores...	967
Concessionários...	36
Empregados dos Concessionários...	731
Pessoal do Teatro...	85
Pessoal do Luna Park...	128
Total...	2.841
Bilhetes de Identidade vendidos a 150\$...	77
Bilhete de Identidade, idem a 250\$	17
Bilhetes de Identidade não entregues	19
Total...	2.954

Dando um balanço geral às entradas no recinto da Exposição pode completar-se, um montante aproximado de um milhão e duzentos e quarenta seis mil, em três meses e meio de funcionamento, o que dá uma média de 12.000 entradas diárias, cálculo baseado em que os portadores de bilhetes de identidade deles se serviram com frequência ou continuamente.

Vejamos agora os divertimentos, faceta interessante para avaliar do seu sucesso, e da maneira como o público os recebeu; devendo anotar-se que quasi todos eram inéditos no norte do País e alguns em Portugal.

Consumo de bebidas

Para se aquilatar do consumo de bebidas no recinto da Exposição, durante o seu funcionamento, damos em seguida nota das que foram manifestadas no pósto de controle estabelecido junto ao portão da rua de Entre-Quintas, destinado pela direcção para a entrada de volumes e artigos para consumo pelos concessionários de pavilhões.

Cinema "Balanta"

O antigo coreto da Avenida das Tilias, denominado durante o funcionamento do certame, de Avenida da India, foi transformado em palco para festas ao ar livre e armada em sua frente uma vasta plateia devidamente vedada.

Alli se exhibiram, durante meses, programas cinematográficos compostos com documentários coloniais cedidos pela Agência Geral das Colónias e outros filmes; os natu-

Estatística de bebidas entradas pelo pósto de despacho da Exposição Colonial Portuguesa

De 15 de Junho a 30 de Setembro

DESIGNAÇÃO	Restru-rante	Pavilhões	Visitantes	Diversos	Total	Receita aproximada em esc.
Vinho Verde em barris e garrações (Litros)	7.986		6.940	6.650	21.576	8.630\$40
Vinho Verde em garrafas	4.960			41.207	46.167	16.818\$50
Vinho Verde em 1/2 garrafas	4.447			3.556	8.003	1.600\$60
Vinho Maduro em barris e garrações (Litros)	650		1.146	1.347	3.143	1.571\$50
Vinho Maduro em garrafas	4.393			7.423	11.816	5.908\$00
Vinho Maduro em 1/2 garrafas	3.819			1.338	5.157	1.289\$25
Vinho do Porto em garrafas	1.042			3.024	4.066	8.132\$00
Vinho do Porto em 1/2 garrafas				42	42	42\$00
Vinho do Porto em 1/4 garrafas				224	224	112\$00
Vinho do Porto em 1/8 garrafas				7.198	7.198	3.599\$00
Vinho da Madeira em garrafas	42				42	84\$00
Vinho Espumoso em garrafas	624			470	1.094	2.188\$00
Vinho Espumoso em 1/2 garrafas	144			479	623	623\$00
Cerveja em barris (Litros)				6.882	6.882	4.817\$40
Cerveja em garrafas	2.338	360		1.540	4.288	1.286\$40
Cerveja em 1/2 garrafas	8.172	13.080		70.836	92.088	18.417\$60
Cerveja em barris (Estranjeira) (Litros)	192				192	288\$00
Refrigerantes	9.064	13.680		85.773	108.517	21.703\$40
Sifões			6	120	126	63\$00
Agua Mineral em garrações (Litros)	545			1.610	2.155	431\$00
Agua Mineral em garrafas	2.252			1.545	3.797	1.518\$80
Agua Mineral em 1/2 garrafas	1.169			210	1.379	275\$80
Agua Mineral em 1/4 garrafas	8.105	200		23.220	31.525	3.152\$50
Ponche em garrafas				76	76	228\$00
Ponche em 1/2 garrafas				42	42	63\$00
Ponche em 1/8 garrafas				900	900	450\$00
Xaropes em garrafas	96			538	634	1.585\$00
Licores em garrafas	36			50	86	258\$00
Licores em garrafas (Estranjeiros)	16			1	17	170\$00
Whisky	18			7	25	375\$00
Cognac, Aguardente e Vermouth em garrafas	85			27	112	336\$00
Vermouth em garrafas (Estranjeiro)	2			8	10	100\$00
Aguardente de cana				7	7	70\$00
Refresco de Ananaz				420	420	630\$00
Tops				15.890	15.890	1.589\$00
Total	60.197	27.326	8.086	282.650	378.319	108.406\$15

Os Domingos na Exposição

O Domingo é, por velha tradição, por tradição de séculos, o dia destinado ao descanso. E é ao Domingo que os trabalhadores folgiam, que a gente das oficinas, mais ainda que a dos campos, procura compensar-se das energias perdidas durante uma semana de trabalho.

Apenas abriu a Exposição, por aqueles meses de Junho do sol boníssimo, doirado e forte, logo se viu que o povo, a massa anónima, construtiva e trabalhadora, escolheira o Domingo como o seu dia santificado.

E os jardins do Palácio, já de si tão bonitos; já de si tão garbados e tafues, tomaram novos aspectos, animaram-se de nova vida.

Avencidas, ruas e ruelas encheram-se de bons e singelos ramos, de lindas e despretensivas raparigas, que, na companhia dos pais, iam para a Exposição, para «aquella coisa do Palácio», como quem vai para uma romaria.

Preparavam-se de antemão largos e abundantes farnes. Alourava-se a galinha no forno, preparava-se o anho com esmôro, estrelavam-se de salsa os bolinhos caseiros. Vinho, graças a Deus, nunca faltara nesta terra de vinho. E, com o vinho, fonte de salutar alegria, a viola e o harmónio.

Naquela grande tarde da Parada Agrícola, maqueia tarde que nunca mais se esquece — até o sol deu mais luz! — lá estavam os grupos dos operários e das operárias, amarelandos no bosque e nas escarpas da Restauração, comendo e bailando, bailando e comendo.

Havia-os que abriam muito os olhos surpreendidos — e, surpreendidos, se benzeram de pasmo. Sempre era muito grande a nossa terra! E com costumes tão diferentes uns dos outros!

Mas essa gente simples, essa gente de alma boa e sorriso lavado, não fazia do merecimento um «fim». Não. Começava a senda, de chapéu na mão, pela grande nave. Deitava um olhar de carinhoso respeito aos lindos, esguios e altos, que faziam a sentinela. Admirava as proezas dos nossos antepassados — pasmava ante os plantiférios. Depois seguia a ver o que fizeram nas Áfricas, na Ásia, na Oceânia. E era uma revelação que a aquecia, que a eletrizava, que a galvanizava.

— Caramba! — ouvimos de uma vez a um estivador da Fonte Nova — a gente «nem sabia» o que é de grande! E ainda há quem se envergonhe de ter nascido nesta terra!

E vieta a nave, e desatada a língua nas aldeias indígenas — que confusão, a principio, essa história dos Bijagoes e dos Balantas, êses pretos e êsas pretas, com penas na cabeça e tetas ao léu, como Nossa Senhora as votara ao mundo! — então, sim, ia-se mendrar. Estendia-se, quando se estendia, a toalha alvineira. Os comodistas não dispensavam os talheres, os copos, os guardanapos. E vinha a galinha alourada ao forno, o anho preparado com capitosos molhos. Estourava o verde no bojo rotando dos garrafoes. Pavava a pãndega. Crepitavam cantigas. E se um preto adregava de passar perto — toca, sem cerimónia, que todos somos irmãos, filhos da mesma Pátria! — «Vai um copo? Uma bucha?» E «Isso que é copo — e ia a bucha...»

E por isso que o Joaquim, um Bijago alto e forte como um guerre, não quer, nem à mão de Deus Padre, deixar o Porto. E uma terra de bênção!

Não queriam alguns que o povo fizesse da Exposição a sua exposição, que o povo se mostrasse no intimismo da sua vida sem mentira, talvez rude mas sempre simpática. Comer ao lar livre, fazendo do reldado uma mesa sem fim, não seria uma mutilação estética do belo recinto? A Exposição tinha os seus restaurantes, confortáveis, luxuosos mesmo. Tanto bastava!...

Mas Galvão viu com inteligência o problema — e quis abrir a sua obra ao coração dos humildes. A merenda popular, democrática, era o justo intermezzo entre o sol e a electricidade — o Palácio das Colónias visto à luz do dia e o Palácio visto sob a féerie das lâmpadas. Tirar ao povo esse prazer, privá-lo dessa alegria — seria aniquilar de principio a obra que se propusera. A Exposição Colonial deveria perdurar — como lição viva, como eterna lição.

JULIANO RIBEIRO.

AZAS DE PORTUGAL

A viagem aérea a Timor

Na quinta-feira 26 do corrente, iniciou o seu *raida* aéreo às Colónias o arrojado tenente Humberto Cruz, que se deslocou do campo da Amador em direcção a Timor.

Essa viagem será completada com a realização do *periplo* das Áfricas portuguesas.

rais das colónias, especialmente os músicos da Índia, Macau e Cabo Verde e os dançarinos com baillados e batuques exóticos; e alguns ranchos da metrópole.

Os números fortes dos programas foram sempre os constituídos por indígenas, tendo conquistado a popularidade numa negra da Guiné, da raça balanta e Rosa de nome, que a população northena distinguia sempre com uma injustificada simpatia.

O número de bilhetes vendidos, de Junho a Setembro, foi de 36:542; as entradas de favor, se tivesse havido controle, deviam, no entanto, ter sido superiores em número, podendo computar-se em 75:000 o número de espectadores a estas diversões, algumas das quais proporcionadas a congressistas e componentes de excursões.

Luna Parque

O total de bilhetes vendidos para as dezavone atrações de que se compunha, dispersas pelas várias ruas do recinto a-fim-de-distribuir bem o público, foi de 783:847.

Seu desenvolvimento por atrações:

Muro da Morte	187:290
Combóio Fantasma	130:280
Montanha Russa	87:175
Foot-Ball	68:895
Palácio do Riso	58:231
Barcos automóveis	44:972
Automóveis eléctricos	42:390
Cascata	37:178
Homem Peixe	35:433
Automóveis	39:633
Relógios	15:999
Pulgas	14:738
Spedawys	11:270
Cavalos	7:668
Pregos	3:401
Tiro	2:735
Cambão	2:531
Argolas	2:358
Bolas	1:160

Combóio Colonial

Com este nome funcionou um pequeno caminho de ferro em torno do recinto. Apesar da sua deficiente montagem, feita nas ultimas semanas de composição do certame, por terem falhado várias deligências efectuadas para uma instalação no género das que se apresentam em exposições internacionais no estrangeiro, este processo de distração disfrutou sempre da simpatia do público. Poucas foram as pessoas que não quiseram experimentar o pequeno *decauville* e sentir a sensação de fazer uma viagem de caminho de ferro... por um escudo. O movimento acusado de viajantes, nestas condições, foi de 250:040, não incluídos os passes de favor, para lhe dar consagração nacional.

Transportador aéreo

Na intenção de facilitar o acesso pelo lado do rio e rua da Restauração, a direcção do certame convidou o proprietário do transportador aéreo no parque Eduardo VII de Lisboa, a montar um idêntico no Palácio de Cristal.

Por motivos vários a sua montagem demorou-se e o seu funcionamento só foi iniciado em 3 de Agosto, criando a única excepção, nesta exposição, de ter sido tudo concluído para a inauguração. Ainda assim, e até ao encerramento, o seu movimento foi de 79:827 passageiros.

Mostruário zoológico

Como complemento da demonstração colonial, a direcção da Exposição promoveu a

composição duma exhibição de animais vivos da fauna africana. Para esse fim solicitou ao Governo de Angola a remessa de alguns espécimes e adaptou a rua nova do Palácio, entalada entre os dois muros do parque do Palácio e da cerca do quartel de Metralhadoras em fôss, dividido em recintos, onde os animais puderam ser vistos da parte superior em plena liberdade.

Uma parte dos animais, porém, morreu na viagem para a Europa — não chegando vivos ao Porto. De forma que a exhibição ficou longe de ser completa.

Em todo o caso foram distribuídos em cinco divisões: um casal de leões, um grupo de leopardos, um viveiro de macacos, um grupo de ruminantes e outro de aves e palmípedes.

Esta demonstração da fauna africana teve de ser completada com animais embalsamados e curiosa, relativamente abundante, foi a colecção exposta noutro local, no chamado «Pavilhão de Caças».

A bilheteira privativa do «mostruário zoológico» registou a venda de 94:901 bilhetes, o que pode considerar-se, sem favor, um sucesso.

Assistência

Durante o funcionamento da Exposição foram fornecidas gratuitamente, numa «cantina», montada pela direcção, ao pessoal menor e a muitos empregados dos expositores particulares 8:917 refeições quentes com pão e vinho, desde 10 de Agosto a 30 de Setembro.

Já fez o ULTRAMAR referência ao movimento do posto de socorros médicos, gratuitos, ao pessoal, aos indígenas e ao público.

Estatística de géneros entrados pelo pôsto de despacho da Exposição Colonial Portuguesa

De 15 de Junho a 30 de Setembro

DESIGNAÇÃO	Unidades	Quilos	Litros
Pão	184.721		
Pastéis	91.958		
Ovos	43.413		
Aves	2.565		
Manteiga e Queijo		999	
Mercerarias		13.192	5.194
Carne		6.655	
Azeite			937
Batatas e Cebolas		5.300	
Gélo		22.979	
Amendoim Torrado (em pacotes)	5.576		
Uvas		19.087	
Bananas	31.863		
Ananazes	142		
Melões		13.206	
Cerejas		358	
Ameixas, Pêras, Pêcegos e Laranjas	45.176		
Limões	911		
Peixe (miúdo)	8.310		
Peixe (graúdo)	964		
Camarão		136	
Lagosta		472	
Total	415.599	82.384	6.141

Cooperadores da Exposição



Chefe César

O sr. chefe César de Sousa Santos, que comandou a esquadra de Polícia do Palácio das Colónias durante a Exposição, foi um dos bons cooperadores do certame.

Mereceu os elogios do Director da Exposição e foi louvado na ordem do Comando da Polícia.

Distribuição de materiais de construção

Não tendo os materiais de construção sobranceiros do certame atingido a quantia orçada para a sua venda, o sr. capitão Henrique Galvão propôs a sua oferta e distribuição por casas de beneficência desta cidade.

Também grande quantidade de lenha foi por ordem do sr. Director-técnico da Exposição distribuída pelos pobres dos bairros vizinhos do Palácio de Cristal, facto que constituiu um motivo de expressivo contentamento para a gente humilde que, na sua modesta parcela, contribuiu com a quota parte do seu esforço para a animação do ceriame.

O Ensino em Angola nas suas diversas formas

Conferência pelo dr. Artur de Almeida de Eça

(Continuação da 6.ª página)

no cortejo de encerramento, eu recordei uma frase que li, atribuída a Clemenceau quando, no dia do armistício, a população de Paris delirava à sua volta: — «Se eu tivesse juízo, devia morrer hoje!»

Pois, capitão Galvão, que nunca, os factos que sobrevieram deem razão a poder-lhe ocorrer a possibilidade de ter sentido a oportunidade dessa frase.

E se esta é a primeira vez que, em publico, fora da Exposição, se fala dela, que seja também agora, que por ela se saídem os da idea, os da realização e os da acção.

Conclui, apresentando os seus agradecimentos à Federação dos Amigos da Escola Primária, pela honra do convite para efectuar a conferência. Foi largamente aplaudido e cumprimentado.